

Vida

ANO I—N.º 13—14 DE AGOSTO DE 1941—PREÇO: 1 ESC.

MUNDIAL *Ilustrada*

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



O SR. DR. ARMINDO MONTEIRO, embaixador de Portugal em Londres, inscrevendo a sua assinatura numa das ambulâncias oferecidas à Cruz Vermelha inglesa.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES
DR. AMÉRICO DURÃO

ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA
MANUELA DE AZEVEDO
MÁRIO BARROS

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
GRACIETTE BRANCO
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

DESENHOS ANIMADOS

1 - SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Acordo às vezes de noite. Pela janela aberta entra luz e música: a luz de um luar marítimo, muito claro e subtil, e a música grave do mar tocando cítaras nos pinhais distantes.

A bem dizer — eu nunca ouvi cítara; mas a palavra é bonita e ao princípio é que foi o Verbo.

Pela janela aberta entra, ainda, um raro e estranho perfume: glicínias e marésia. Que o meu jardim não é lá qual-quer coisa. Tem glicínias no muro que dá para a rua, da rua que dá para os rochedos, dos rochedos que dão para o mar. O mar é que não dá para coisa nenhuma. O mar é judeu.



Pois, pela minha janela aberta entram três sentidos: ver, ouvir e cheirar.

O luar parece uma onda maior e mais alta do que as outras. E todo o quarto é um maravilhoso bósio. Nêle ressoa, salta de parede para parede, enche tudo de cima a baixo — o coral magnífico do mar.

Mais um cigarro. A minha imaginação nada na noite imensa e azul. Nada de costas.

A minha imaginação é, agora, uma menina de sabão:

«Sola sapato — rei rainha — foi ao mar — buscar arafinha...»

Pois foi. E depois vendeu-as a três tostões cada uma...

2 - VIAÇÃO ACELERADA

Como se sbe, é necessária a maioria para fazer duas coisas: casar e tirar a carta de chauffeurs.

Trata-se, de resto, de dois exemplos típicos de viação mais ou menos acelerada. E o mais ou menos depende, como não podia deixar de ser, do rendimento do motor.

Reparemos, na verdade, na curiosa analogia entre a arte de guiar automóveis e o casamento, isto é, a arte de guiar mulheres. Claro que a primeira é infinitamente mais fácil, mau grado o custo da gasolina.

Em trinta lições de automobilismo, sempre se aprende alguma coisa, quanto mais não seja a abrir e a fechar a porta. Agora vão lá com 30 lições ter a louca pretensão de guiar uma mulher!... É derrapagem certa, mesmo sem areia.

Evidentemente que nem tudo são analogias. Cite-se, para exemplo, este contraste curioso: se numa encruzilhada quisermos passar no nosso automóvel, manda-nos o Código da Estrada e o instante da conservação pedirmos, primeiramente, a mão.

No casamento, sucede o contrário: depois de pedir a mão é que começam as encruzilhadas. O melhor, porém, é afrouxar.

Vejamos, agora, o aspecto lírico da questão.

Quem não souhou um dia, aos dezóito anos, guiar a mais belo carro do mundo, com as mudancas mesmo a lá mão, com os travões mesmo ali no pé, com ricos e macios estofos, sólidas molas e esplendente carroserie?!... E ácerca do nosso ideal feminino sucede, precisamente, a mesma coisa. No entanto, quando chegamos à esquina dos trinta, tanto num caso como noutro, contentamo-nos, afinal, com uma simples bicicleta!... E há quem não tenha chegado, ainda, aos trinta, e já esteja na fase da bicicleta.

Há sobre este mesmo assunto uma frase curiosíssima de Bernard Shaw, de que, infelizmente, não me recordo. Ou, talvez, a frase nem exista. Mas se existisse seria, com toda a certeza, de Bernard Shaw.

Por isto e por aquilo é que devemos começar a aprender as duas notáveis artes desde muito novos, muito menores mas muito emancipados.

E é por esta mesma ordem de ideias que se garante ser de pequenino que se force o pepino. Mas isto é que ninguém conseguiu ainda compreender.

RUY FOLHA

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

INTELLECTUAIS



A embaixada intelectual portuguesa, chegou ao Rio de Janeiro. Entusiasmo! Música! Flores! Comunhão de almas! Ao encontro daqueles que Portugal mandou, vão os vultos oficialmente destacados da intelectualidade brasileira.

Homens ilustres abrem alas, brilham fardas, reluz o negro asa de corvo das casacas.

Com que interesse tenho seguido as notícias da recepção! Com que assombro tenho notado na lista dos nomes ilustres que representam o Brasil, a falta de dois intellectuais que honram o seu país: Jorge Amado e José Linz do Rêgo.

Porque não pôe o Brasil, na primeira fila dos seus intellectuais, estes dois nomes de que tão justamente se pode orgulhar?

Não acredito apesar de tudo, que faltem à recepção da nossa embaixada, os dois maiores embaixadores do romance brasileiro. Não era lógico, e, sobre tudo, não era *intelectual*.

SHAKESPEARE 1941



Em versão portuguesa expressamente feita, foi representada a peça de Shakespeare «Sonho de uma noite de verão».

Um dos tradutores, falando ao *Diário de Lisboa* do que tem sido até hoje a tradução de

Shakespeare, considera Castilho, seu antecessor, «de uma pieguice arripiante».

Perfeitamente: é uma opinião e cada qual deve proclamar bem alto a sua, embora, neste caso, talvez não fosse elegante qualquer referência ao que tinha sido feito por outro. Mas elegante não é quem quere, por isso, estava tudo muito bem, se não fosse, logo adiante, com cândida sinceridade, vir esta afirmação que mostra de uma forma enternecedora, a admiração que a pessoa que traduz tem por si própria:

«Escrevemos o «Sonho de uma noite de verão» como o escreveria um Shakespeare que tivesse nascido nos nossos dias!»

Nem menos!

Muito nos estimamos!

E eu não tenho a menor dúvida de que esta afirmação é sincera!

Devo confessar que me mereço o maior respeito quanto um crítico profissional diga dos outros e de si próprio, mas lá me parece — como as mulheres são inferiores, meu Deus! — que, quando

o crítico se torna autor ou tradutor, deve deixar, desta feita aos outros, o encargo de julgar.

Quando somos crianças e andamos no colégio, a mestra põe orelhas de burro àquela ou àquela que disser, desdenhosamente, «O que aquele menino faz não presta, eu é que sei! Aquelle menino é tolo, eu é que sou esperto! Aquelle menino é feio, eu sou bonito!»

Dentro desta ideia cresci e afinal, vejo que os *meninos* de hoje são iguais aos de ontem. Mudaram o bibe aos quadrinhos pelo fato de óptimo cheviote, mas no fundo, continuam meninos diabólicos e já não há quem por isso lhes ponha orelhas de burro. Pelo contrário, eles é que usam garbosa juba de leão, rugindo forte, tenebrosamente, provando que, quem mais alto fala, mais razão tem, arrastando-nos a todos nós, miseráveis gatinhos de estimação, que nos limitamos a meter o rabinho entre as pernas.

Agora chegou a vez de Castilho levar a sua conta. Que lhe preste.

Se por acaso lá no céu se lê o *Diário de Lisboa*, S. Pedro deve ter mostrado esta entrevista a Castilho. Estou a ouvir o poeta replicar, num significativo e desdenho encolher de ombros:

— Que me importa! Eu já vivo, não os podia ver...

CRIANÇAS



Como assolados por um vendaval impiedoso, implacável. Destino cruel que se compraz com a destruição de todos os países, fustigados pela guerra, chegam até nós, diariamente, homens, mulheres e crianças que, mais felizes ainda, dentro

da sua desgraça, do que os outros que suportam a pé firme a investida do elemento humano, mais cruel que o rude desencadear dos elementos divinos, procuram, no nosso país, um pouco de calma, esse nada de paz necessário a todas as almas.

Desta multidão que chega, onde melhor se lê todo o horror da grande desgraça, é, sem dúvida, nos olhos espantados das crianças, onde ficaram gravados, para todo o sempre, farrapos das mais espantosas páginas da história mundial.

Para esses pequenos arrancados aos brinquedos e lançados abruptamente para a tragédia, este mundo nada tem de semelhante a um conto maravilhoso. E até o próprio Deus, esse Todo Poderoso que lhe ensinaram a adorar, a respeitar e a temer, tornou-se, súbitamente, um pobre ser sofredor, cuja mão impotente não detém já a fúria assassina dos homens.

O Estoril, manta de retalhos garrida e multicolor, cobre farrapos desta humanidade foragida. Pobres e ricos, sentem-

— se ali irmãos, pois só uma coisa iguala e humaniza os homens, nesta vida: o sofrimento comum.

Crianças de todos os países brincam na areia portuguesa da Costa do Sol.

Também eu me entregue às delicias da praia e bebo avidamente a doce luz da manhã. A minha esquerda, num tóldo, certa mamã refugiada guarda, amorosamente, o único tesouro que salvou, o seu menino, um garotito de uns três anos, em cujos olhos azuis não brilham sorrisos.

A direita, noutro tóldo, faz castelos de areia a graça morena de um menino português.

Ontem, um avião vagaroso bateu asas no céu azul. Talvez algum aviador namorado tentasse lobrigar assim, voando baixo, a sua Venus de «maillet» púdico, com dez centímetros de perna.

Os olhos azuis do menino estrangeiro abriram-se muito, e com infinita angústia, desatou a bradar, agarrando-se à mãe:

— Um avião... mamã... um avião!...

E, num frêmito indescrevível, acrescentou, num soluço prestes a estalar:

— «Voilà la mort!»

A mãe, cujo olhar triste se perdia na distância, tranqüilizou-o com os seus beijos e a sua voz sem cor.

No outro tóldo, o menino português, brincava, descuidado. Mas a mãe, ouvindo o grito da criança, com esse singular presentimento que só as mulheres sabem ter, aconchegou ao peito o seu filho e, como se fosse ele que tivesse falado, replicou-lhe:

— Ainda não, meu amor, ainda não...

E na interrogação muda, trágica, dos seus olhos, lia-se a pergunta que não se tornou som:

— Meus Deus... quando?...

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 85\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.^o — Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



A INGLATERRA

Procura estabelecer uma nova
FRENTE DE COMBATE?



NA ÚLTIMA SEMANA, as agências telegráficas puseram em equação a pergunta: irá a Inglaterra estabelecer uma nova frente de combate em território europeu? Falou-se duma eventual operação no Ártico, da possibilidade duma acção na Finlândia. Nada se concretizou até agora, mas não deixa de ser oportuna a publicação das fotos que ilustram esta página e que nos mostram fases dos exercícios ofensivos do exército metropolitano inglês, com desembarques de tropas e transporte de forças através de rios. Constituirão estes soldados um corpo expedicionário para uma nova «frente»?

o caso da semana

O homem que adivinhou: o professor Haushofer, fundador da escola de Geopolítica em Munich.

por Carlos Ferrão

O maior general professor Karl Haushofer criou os fundamentos científicos da ideologia racial e da doutrina de política externa do partido nacional-socialista. Fundador do Instituto de Geopolítica, cuja sede é na cidade de Munich, a sua influência na condução das ideias e na marcha dos acontecimentos que caracterizam a vida do Terceiro Reich, antes e durante o actual conflito, deve considerar-se decisiva. É uma personalidade vigorosa cuja imaginação inspiradora e cuja larga preparação cultural lhe tem permitido dominar gerações sucessivas de discípulos e de admiradores.

Durante a fase da luta para a conquista do poder a acção do professor Haushofer fez-se sentir nos meios dirigentes do nazismo, por intermédio do Departamento de política externa do partido. Depois de 1933, e até há pouco tempo, essa acção tornou-se mais intensa à medida que a prova dos factos justificava os seus fundamentos doutrinais. Dia a dia, pode dizer-se que hora a hora, as previsões do sábio de Munich iam tendo a sua confirmação, que se traduzia pelo aumento crescente da autoridade intelectual e do prestígio do autor.

Tudo o que se tem passado na Europa nos últimos cinco anos está explicado, com uma franqueza reveladora, nas suas obras, e foi exposto, pormenorizadamente, na campanha de doutrinação que absorveu a melhor parte duma existência consumida no estudo e na propagação dos ideais de expansão nacional.

Haushofer considerou, desde a primeira hora, a supressão da Austria como nação independente e a anexação da Checo-Eslováquia como o ponto de partida indispensável para a reorganização revolucionária do leste europeu.

Ao contrário de Rosenberg, que encarna a concepção tradicionalista da cavalaria medieval, e de Adolfo Hitler, que concebe a propensão para o oriente como uma tarefa de essência económica, Haushofer quer que o predomínio do germanismo nos grandes espaços que se situam para lá da rede fluvial da Europa Central seja impregnado dum sentido de renovação que deve acompanhar a conquista militar. Ao passadismo evocativo de Rosenberg e ao critério espacial de Hitler, ele substituiu o ímpeto dinâmico duma renovação total nas concepções e nos métodos de acção.

Como os acontecimentos justificaram uma previsão

O Anschluss, em Março de 1938, a criação do protectorado da Boémia e da Morávia, um ano depois, vieram trazer a primeira confirmação às suas arrojadas hipóteses. Estas marcavam, por etapas sucessivas, a progressão do germanismo no continente: restauração da coroa de Santo Estevão, com a condição essencial de a Hungria aceitar inteiramente a direcção alemã numa grande coligação. Em seguida iria a partilha da Iugo-Slávica, que ficaria reduzida à pequena Sérvia, e cujas províncias desmembradas seriam incorporadas no Grande Reich e na Hungria, organizadas num protectorado germano-húngaro ou, em caso de necessidade, organizadas em Estado semi-autónomo com um centro político e militar na Croácia. Foi esta última solução que os acontecimentos, derivados da guerra, tornaram mais apropriada.

A Bulgária, no pensamento de Haushofer, era um dos raros Estados que, sob a condição de se integrar no bloco alemão, devia obter a devolução dos territórios perdidos em compensação da derrota dos impérios centrais na última guerra: a Dobruja, que os tratados tinham dado à Roménia, e a Trácia que passara para o domínio grego. A Roménia, pelo contrário, devia perder, além da Dobruja, a Transilvânia, a oferecer em troca da colaboração hún-

gara. Todas estas suposições são, neste momento, as realidades que condicionam o novo equilíbrio da região dos Balcans e da bacia danubiana.

Para o nordeste europeu o professor Haushofer preconizava uma transformação igualmente radical. A Polónia devia contribuir para essa transformação com um, pesado tributo. A Lituânia, aumentada com a «voldodia» de Vilna, constituiria a primeira malha na cadeia dos Estados bálticos submetidos à hegemonia alemã. As ilhas Aaland passariam para a posse da Alemanha. A Dinamarca daria a sua adesão à confederação em projecto. A Letónia e a Estónia tornariam uma atitude idêntica, assegurando o domínio total da esquadra alemã nas águas do Báltico.

A criação duma Europa intermédia, condição essencial da guerra com a Rússia

Recordando os acontecimentos ocorridos nos últimos meses é forçoso reconhecer que as profecias do professor Haushofer se cumpriram rigorosamente. As modalidades de execução foram diferentes das que ele tinha concebido. Todo esse trabalho preparatório devia ser realizado na paz, por meio de pressão diplomática, de penetração política ou de auxílio económico. A guerra surgiu e com ela apressou-se a sua realização.

No pensamento de Haushofer as operações preliminares que consistiam na criação duma federação gigantesca de Estados, mais ou menos independentes, girando na órbita alemã, tinha um fim distante: liquidar a potência dos Soviéticos, fazendo uma guerra final à U. R. S. S., destruindo a sua força militar, para dividir e organizar, em moldes novos, o território imenso que se estende entre a fronteira russa e os Urais. A campanha da França seria um episódio de carácter militar a liquidar rapidamente. Dados os sintomas de fraqueza interna e de falta de iniciativa deste país no domínio exterior, essa campanha poderia mesmo, se se verificassem determinadas condições, ser substituída por uma manobra política e diplomática que conduziria aos



RODOLFO HESS, lugar-tenente do Fuehrer, que actualmente se encontra em Inglaterra, era o mais categorizado discípulo e intérprete das doutrinas do Professor Haushofer, dirigente dos mais distintos do partido nacional-socialista alemão.

mesmos resultados. Ainda neste ponto as ideias do professor Haushofer tiveram uma confirmação espectacular.

Para o fundador da doutrina geopolítica, o objectivo distante, mas essencial, da gigantesca manobra que concebera, era o cerco e a partilha do território russo, pondo ao serviço desta ideia as células da revolução europeia. Esta expansão servia-lhe para designar os países limítrofes dos soviéticos que deviam ser previamente integrados na constelação política a criar sob a égide do Reich: Países bálticos, Polónia, Hungria, Roménia. O cerco político

e militar devia preceder a guerra. Mas enquanto em relação à França, e mesmo em relação à Grã-Bretanha, Haushofer admitia uma «demissão» voluntária que adstasse estas potências da concorrência para a dominação mundial, quanto à Rússia considerava que seria necessário um período de hostilidade, mais ou menos longo, para alcançar os resultados que se propunha.

«A realização do grande espaço continental sob a hegemonia alemã, exige a liquidação da Rússia actual. Este objectivo concreto precisa ser cumulado por uma campanha ideológica. As massas devem ser preparadas para esse fim. A primeira tarefa consiste em arranjar, para isso, aliados e desviar as atenções dos preparativos a fazer. Antes de iniciar a liquidação da Rússia, é preciso desbarbarmos-nos, previamente, da pseudo hegemonia francesa, aniquilar a forte bargagem franco-russa da Checo-Eslováquia, isolar a França e fazer a sua partilha. A reorganização da Europa intermédia (Polónia, Países bálticos, Balcans e zona danubiana) precederá a divisão da Rússia. Só depois será possível realizar a federação euroasiática».

A campanha, a leste, devia começar mais tarde?

É o programa do «Mein Kampf» com duas inovações fundamentais: o aniquilamento da França não pressupunha, para Haushofer, a necessidade duma luta armada; a reorganização da Europa intermédia devia fazer-se, por métodos pacíficos, antes de os exércitos alemães iniciarem a campanha decisiva a leste.

A derrota militar da França, nas suas consequências imediatas, não representou um desgaste definitivo para a máquina militar do Reich. Outro tanto pode dizer-se das batalhas da Polónia e dos Balcans. Mas essas operações conduzidas a frio tinham de se traduzir, na concepção de Haushofer, por uma adesão final das populações interessadas na liquidação da U. R. S. S. não como grande potência militar, mas como centro de irradiação duma doutrina revolucionária. A diferença, com o decurso do tempo e a evolução dos acontecimentos, revelou-se duma importância capital.

Como Haushofer queria, o Reich faz contra a pátria dos soviéticos uma guerra de coligação (Alemanha, Itália, Finlândia, Hungria, Roménia e Eslováquia). Essa guerra não foi, porém, precedida da organização do espaço intermédio e da sua preparação ideológica. É uma associação militar, não é uma consideração política, cujas partes tenham identificado os seus interesses e os seus pontos de vista.

O professor Karl Haushofer teve, desde que iniciou a sua campanha de doutrinação geopolítica e de justificação intelectual da evolução da Alemanha depois da última guerra, um discípulo fiel, inabalável na sua adesão aos princípios da carta de Munich. Resumindo os fundamentos morais da sua adesão, esse discípulo caracterizava com uma frase a necessidade das operações preliminares que deviam anteceder a guerra com a Rússia: «Encarado sob este ponto de vista o fim essencial que o nacional-socialismo se propõe alcançar consiste na aplicação duma regra elementar de bom senso.» O discípulo chama-se Rodolfo Hess.

Como o caso de Rosenberg, a hora do professor Haushofer parece ter passado. O seu nome ficará como o do mais forte doutrinador e como o do mais original intérprete da aplicação, em larga escala, das concepções racistas no domínio da política externa. É incontestável que as premissas que ele estabeleceu para o choque definitivo com os soviéticos não puderam ser realizadas pelos dirigentes políticos e militares do Reich, dominados pela preocupação das realidades que não sofriam adiantamento. A guerra a leste veio cedo demais para que as suas concepções tivessem, até ao fim, uma confirmação total. Ainda neste ponto, porém, os acontecimentos quiseram dar razão às suas arrojadas previsões.

O MINISTRO de Portugal EM VICHY



O SR. PROF. DR. CAEIRO DA MATA, reitor da Universidade de Lisboa e figura de grande prestígio nos meios internacionais, nomeado recentemente ministro de Portugal em Vichy, entregou há dias as suas credenciais ao governo francês. A foto mostra-o a passar revista à guarda de honra junto do Pavilhão Sévigné, de Vichy, onde foi recebido pelo Marechal Pétain.

DUFF COOPER Em LISBOA

DUFF COOPER, ANTIGO MINISTRO DA PROPAGANDA DO GOVERNO INGLÊS, esteve há dias em Lisboa, a caminho de Singapura, onde vai em missão especial, dado o agravamento da situação no Extremo Oriente. A foto mostra-o durante uma recepção dada em sua honra no Clube Inglês. Da esquerda para a direita: Duff Cooper, o nosso director, o sr. Conde de Mafra e o sr. Marcus Cheek, adido da Imprensa da embaixada inglesa.



Em casa

No campo

Na praia

As boas "fotos" são feitas com película "Kodak"

KODAK, LIMITED LISBOA

CALÇADA DA GLÓRIA

VERÃO

VIMOS uma tarde destas Ramada Curto, à janela do seu escritório, na Rua Nova do Almada, envergando um jaquetão de linho fresco. Decididamente estamos em pleno verão...

PERRY VIDAL

O actual director da Biblioteca da Ajuda, dr. Perry Vidal, pesa a bonita soma de cento e tantos quilos. Física e intelectualmente é, sem dúvida, um homem de péso. Certa tarde, no Chiado, duas senhoras passaram por êle e logo uma delas exclamou, em face da sua volumosa presença:

— Que homem piramidal!
Imediatamente, o nosso amigo retorquiu, num sorriso, fitando as damas:
— Piramidal, perdão... Perry Vidal, Perry Vidal!

CÁLCULOS

A sr.^a D. Branca Rumina, médica bem conhecida, tem uma criada — que vale um poema.

Há dias, esta criada veio à Baixa fazer umas compras e, ao regressar a casa, não se conteve que não dissesse à sua patroa:

— Ah! minha senhora, vi hoje, numa loja, um pano para camisas que V. Ex.^a não imagina...

E entrou em pormenores:
— Tinha um metro de largo, mas era de tão boa qualidade que, dividido ao meio, cada metade tinha perto de 70 centímetros... Mediu-o eu!

QUESTÕES SOCIAIS

TERIA sido a maçã o primeiro fruto proibido? Há quem diga que sim — e há quem diga que não. Em minha opinião, julgo que o primeiro fruto proibido devia ter sido um marmelo...

ELEVADOR DA GLÓRIA

ENCONTRA-SE retido no leito (da Calçada) com um forte ataque de reumatismo o nosso querido amigo Elevador da Glória. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

1.000 CONTOS

SEGUNDO a *United Press*, o jornalista Armando Boaventura, que se encontra no Rio de Janeiro, há meia dúzia de dias, ganhou mil contos jogando no cavalo uruguaiano «Poluz», vencedor do Grande Prémio do Brasil.

Ainda vale a pena, mesmo a um jornalista, meter-se em cavalarias altas! De quando em quando sempre vem um coice — da Sorte...

DIALOGO

ASSISTIMOS, há dias, a êste diálogo entre certo sujeito e certa senhora:

— O teu marido sou eu!
— Perdão... O passado ainda não voltou...

— Lá porque tens uns olhos de porcelana pensas que serás rainha...
— Com que então o senhor doutor acusa!

— Não há dúvida: minha mulher é um homem...

O sujeito era o nosso amigo Paulo Martins, da *Livraria Guimarães*; a senhora era a escritora D. Alice Ogando, tradutora da grande romancista Mary Love...

O DIREITO POR VERSOS TORTOS



I
Doutor Teixeira Direito,
Se conheço? É um sujeito
Com cara de Dom Magrão...
Ólho vivo. Corpo inteiro.
Creio até que é Conselheiro.
Mas êle não dá por isso...

II
Nos lábios certa malícia
Do director da policia
Que já o foi, a peçoito...
Também já foi deputado
Pelo círculo do Chiado,
Esse Teixeira Direito!

III
Fala muito, fala bem
Tem espirito como ninguém:
Espécie de Frei Januário
Que se mirasse no espelho
Do Venerando Conselheiro
Superior Judiciário!

IV
Bom juiz. Justiça recta,
Certeira como uma seta,
Mas humano o gesto e o peito...
Não tem manchas, nem malleitas.
É um homem às direitas,
Este Teixeira Direito!

JOAQUIM MARTINS

O nosso querido amigo, engenheiro illustre e infatigável administrador da *Vida Mundial*, não se chamava primitivamente Joaquim Martins, mas Joaquim Martin. Foram as exigencias da sua actividade que obrigaram êste homem singular — a passar para o plural...

CASCAIS

ESTA antiga e nobre vila pretende, invocando razões que julga envoltas na maior justiça, que o Governô a eleve à categoria de cidade. Temos de reconhecer, desde já, que êste brado sai da mais formidável de tôdas as bocas: a Boca do Inferno...

UM CONSELHO

O célebre médico Gueniot, falecido recentemente em França, com mais de cem anos, não se cansava de dizer:

— Usemos de tudo, mas não abusemos de coisa alguma!

E como alguém lhe notasse um dia qualquer imprudência, justificou:

— Com prudência, meu amigo, podem-se fazer tôdas as imprudências...

CINTAS

UM exemplar do último romance de Augusto da Costa surgiu, há dias, numa montra, envôlto numa cinta verde onde se lia, escrita a preto, esta legenda: — *Um romance genial*. Augusto da Costa, ao deparar com tal afirmação, não podia ter deixado de comentar, num simpático assomo de modéstia:

— Aqui está uma cinta *abdominável!*

A ÁGUA E O VINHO

O jornalista Jorge Ramos, gastrônomo conceituadissimo — segundo dizem — teve sempre a predilecção das ceias abundantes, alta madrugada. Uma vez, ceia foi ela, que o nosso homem deu ordem na pensão onde vivia — uma pensão na rua das Pedras Negras — para lhe pôrem na mesa uma garrafa de água das Pedras.

— E durante dois ou três dias quero só água das Pedras, a ver se componho isto... — recomendou.

No dia seguinte, porém, à hora do jantar, Rebelo de Bettencourt, que ouvira a recomendação, notou que na mesa de Jorge Ramos estava, como de costume, uma garrafa cheia de vinho tinto.

— Sim, senhor! Então isto é que é a água das Pedras?

Logo êle:

— Pois claro! O que é, é das Pedras... Negras!

JOGOS

VI ontem no Chiado uma rapariga, por sinal bonita, vestida de largo xadrez branco e preto. Ninguém passava, que não olhasse. Quantos homens, meus caros senhores, não teriam sentido desejos de jogar o ganha-perde!

UM LIVRO

TOMAZ d'Eça Leal acaba de publicar, numa edição amorosa, um poema que intitulou *Amorosos*. Trata-se dum falcante caso de amor em que Eça Leal, mocidade eterna, nos confessa naturalmente em verso aquilo que não nos diria em prosa — pelo menos sem córar. Não falta quem afirme por aí que êste livro é uma auto-biografia; mas não falta também quem diga já com inquietante despeito:

— Bem prêga, Frei Tomaz!

DESENHO GEOMÉTRICO

SE o homem é uma linha recta, a mulher é, incontestavelmente, uma linha curva.

Luís D'Alveira Martins

DESCREVENDO os destinos curiosos que os membros da dinastia moscovita tiveram após a revolução de 1917, dificilmente me posso alhear à tentação de encimá-los com o título de «O Romance dos Romanovs».

Nu realidade, a replandescente ascensão desta família de boyardos e a sua queda trágica ofereciam exuberante material para um livro, dum conteúdo fantástico, mais ainda, do que a imaginação dum romancista o podia girar. Desta família, descenderam figuras como Pedro, o Grande, que, no apogeu da glória, foi ganhar o seu pão como simples carpinteiro num estaleiro holandês, afim de estudar os segredos da construção naval e, tendo regressado, construiu uma esquadra potente, para, como num sonho mágico, elevar sobre os pântanos gelados da fronteira finlandesa, uma metrópole moderna — S. Petersburgo; figuras como Catarina II que, dum modesta princesinha alemã, se transformou na grande Czarina lekaterrina, e, depois de ter mandado estrangular o seu marido, Pedro III, cobriu, como fac-símile feminino de Luiz XV, os seus amantes com ouro e honras. O famoso Estanislau Poniatowski, foi agraciado pelos «seus serviços» com a coroa da Polónia; o arrojado príncipe Potemkine, foi dotado com um exército gigantesco, à testa do qual pôde colher os almeçados louros na guerra contra os turcos. E foi essa mesma mulher, excêntrica e grande, que, por um lado, governou com despotismo bárbaro-asiático e, por outro lado, convidou Voltaire várias vezes à sua corte e pagou a Diderot um elevado honorário anual, adiantado por 50 anos, para que completasse a sua Enciclopédia «ad maiorem Catarina gloriam» na sua corte. Desta dinastia, dimanaram figuras, hiperdimensionais na sua brutalidade, como o czar Alexandre I, o único contra quem Napoleão perdeu uma campanha, depois de o Czar, sem muito reflectir, ter mandado incendiar e reduzir à cinzas Moscovo, ocupada pelos franceses, obrigando assim o inimigo, desabrigado no rigoroso inverno russo, a retirar; figuras como o moderno czar Alexandre II, que, justamente no momento em que se dispõe a outorgar uma constituição ao seu país, é esquarterado por uma bomba. Figuras ainda como a do último czar Nicolau II que, em pleno século XX, se torna o automático instrumento na mão dum «mujik» sibério — Rasputine. São figuras que raramente se encontrarão em romances empolgantes.

Em princípio de 1917, tanto o povo como o exército rusos estavam inebriados de espírito revolucionário. Os horrores da guerra e a corrupção enfureciam as multidões. Quando Nicolau II, vindo de Czarskoie-Selo, chegou, em 9 de Março, ao quartel general de Mohilef, já o aguardava aí a notícia de que os operários de Petesburgo tinham declarado a greve e que a guarnição prendia os seus oficiais.

Depois, os acontecimentos precipitaram-se. A Duma elegeu um «comité» que, na realidade, já era um governo não nomeado pelo imperador. Ela enviou quatro deputados ao Czar, afim de persuadi-lo a abdicar imediatamente. Nicolau, esperando ainda poder salvar a situação, tentou, em 13 de Março, voltar urgentemente a Czarskoie Selo, mas o seu comboio foi detido. Ficou em Pskoff, onde, três dias depois, assinou o seu manifesto de abdicção. Dali, foi para Czarskoie Selo, internado, com a imperatriz e seus filhos.

Aos 21 de Março, Kerenski notificou-lhe oficialmente que ele, sua família e o séquito estavam presos. Quando, nesta

O problema dinástico da Rússia

por J. Schmulevitz

ocasião, o Czar estendeu a mão ao oficial da guarda que lhe trouxera a comunicação, este retrocedeu e recusou-se a cumprimentá-lo. Desconcertado, o Imperador aproximou-se d'ele, pôs-lhe a mão no ombro e inquiriu: «Que significa isto, meu amigo?» O oficial replicou: «Eu descendo do povo. Quando o povo lhe estendeu a sua mão, não a tomou. Hoje não quero dar a minha».

Rigorosamente vigiada, a família imperial ficou presa durante cinco meses em Czarskoie Selo. Depois deportaram-na para a Sibéria, primeiro para Tobolsk. Ainda foi permitido ao Czar determinar as pessoas que o deviam acompanhar. Ao todo, pertenciam 45 ao séquito imperial. Em Tobolsk, a família foi instalada, em fins de Agosto de 1917, no antigo palácio do governador. Ali, levaram, durante o primeiro tempo, uma vida sossegada e regular. Embora tivessem chegado vários perceptores, o par imperial ensinava os filhos, a fim de afugentar as próprias preocupações e preencher o tempo que rastejava lentamente.

O czar Nicolau II era casado com Alice, princesa de Hesse. Antes de nascer o tão desejado herdeiro, o par já tinha 4 filhas, as grã-duquesas Olga, Tatiana, Maria e Anastácia. O jovem Czarevitch Alexis sofria da terrível hemofilia e o eterno cuidado dos pais pela sua saúde, dera, em tempos, ao «milagroso» monge Rasputine a possibilidade de conquistar uma influência absoluta sobre a Czarina, como salvador do filho.

Nos primeiros meses em Tobolsk, a família imperial não sentiu mister em cousa alguma. Apenas em fins de Fevereiro de 1918, é que o Governo soviético dispôs que, daí em diante, a família havia de viver à sua própria custa, não lhe sendo lícito gastar mensalmente mais de 600 rublos por pessoa. Em consequência disso, o Czar despediu 10 criados.

Em princípios de Maio de 1918, toda a família e o séquito foram transferidos sob pesada escolta para Catarinaburgo (Sverdlovsk). Tinha sido descoberto uma tentativa de fuga o que dera origem a esta troca de residência. Tendo chegado a esta cidade, a família ficou instalada, sob fiscalização severa, em casa de Ipatieff, um comerciante rico. Desde a sua deportação para a Sibéria, o Czar apenas fôra apostrofado com o nome de «cidadão Romanov». Não lhe era permitido sair de casa. Um duplo gradeamento foi erigido em redor do prédio e fortes patrulhas da Guarda Vermelha velavam para que nenhum estranho se aproximasse d'ele.

Durante o passeio diário de uma hora que lhe era concedido, o jardim estava rodeado de sentinelas. As refeições eram tomadas em comum com os cortejos ainda fiéis e os domésticos. Todos os domingos vinha um clérigo da igreja próxima para celebrar missa.

Em princípios de Julho, o comandante da guarda, Adveieff e seu ajudante, Mochkine, foram rendidos por Iurovski e Nikuline, que redobramos os medidos de vigilância.

Em 17 de Julho, à meia noite, Iurovski despertou a família imperial e várias pessoas da comitiva, ordenando-lhes para se vestirem e descerem ao rés-do-chão. Explicou-lhes que ia haver uma

noite agitada, que havia de dar-se tiro a tiro nas ruas e, por isso o primeiro andar não estaria suficientemente seguro. Sem proferir palavra, a família acatou as ordens de Iurovski e dirigiu-se ao rés-do-chão. Eram o Czar, a Czarina, o Czarevitch, as quatro grã-duquesas, o médico da família dr. Botkine, o laçao Sidne, a camareira Demidova e o cozinheiro Kharitonovo — ao todo onze pessoas. Conduziram-nos a um quarto contíguo ao dos despejos e alinharam-nos em duas filas ao longo das paredes. Iurovski leu-lhes uma proclamação. O Czar não tinha percebido e interrogou: «Como?» Iurovski levanta a sua espingarda. Os guardas apontam também: Uma salva descarrega-se. E onze cadáveres, crivados de balas, ficam prostrados no chão...

Depois da morte de Nicolau II e de seus parentes mais próximos, os membros da dinastia, que se haviam refugiado no estrangeiro, estavam, a princípio, tão desorientados e afastados uns dos outros, que não se podia pensar numa acção comum e coordenada. Com o decorrer dos tempos, criaram-se, depois do malogro definitivo das tentativas contra-revolucionárias dos exércitos de Koltchak e Wrangel, dois centros de cristalização, em volta dos quais se aglomeraram os emigrantes russos. Estes dois centros foram os grã-duques Ni-



O grã-duque Cirilo

colau Nicolaievitch e Kirilo Vladimirovitch.

O grã-duque Nicolau Nicolaievitch era filho do irmão homônimo do Czar Alexandre II. Antes e nos primeiros anos da Grande Guerra, foi generalíssimo de todos os exércitos russos. Da sua energia intarsigente, muitos dos emigrantes esperavam a organização e realização duma ofensiva armada contra a Rússia Soviética. Mas o Grã-duque já era velho e o que os mais novos não conseguiram também ele não pôde levar a cabo. Com efeito, conferenciou repetidamente com o marechal Foch, que estava entusiasmado por uma intervenção militar de grande envergadura, mas os belos sonhos dos dois velhos «bretteurs» permaneceram sonhos, porque os diplomatas, que, dessa vez, disseram a últi-

ma palavra, não usaram chamar às fileiras as massas mal regressadas, mal desmobilizadas, para um fim tão platónico.

O grã duque Nicolau faleceu em 1929, com 73 anos, na Riviera francesa. Deixou um considerável partido de sectários, principalmente entre aqueles que estavam descontentes com a atitude condescendente do grã-duque Cirilo, para com os bolchevistas. Os apunhaçados de Nicolau tinham convocado em 1921, um congresso, o qual instituiu um «Supremo Conselho Monarquista», presidido pelo antigo Primeiro Ministro Trepp, e reconheceu os direitos de Nicolau ao trono. Em 1923, os membros da Casa Imperial, reunidos em Paris, manifestaram a sua decisão de nomear, em conformidade com a Constituição, o grã-duque Nicolau, como «guarda do trono». Não se podia imaginar coisa mais inverosímil do que o Czar de todas as Rússias, o autocrata por excelência, o Imperador, a quem mesmo dentro da sua família pertenciam os direitos ilimitados dum tirano, ser eleito e designado agora em congressos, com maioria de votos!

Em comparação com o partido de seu tio, encontrou o grã-duque Cirilo, cujas reivindicações à coroa eram incontestáveis, maior aplauso na «Associação Russa Patriótica da Grã-Bretanha» fundada em 1922 em Londres, e no «Comité da União Russa Legítimo-monarquista», congregada em Munique em 1923. O grã-duque Cirilo era, com efeito, o homem com maior direito ao trono. O que lhe faltava era apenas o trono... Apesar disso, ele declarou-se por um manifesto datado de 26 de Julho de 1922, como «Blustitely» isto é guarda do trono.

Numa promulgação de 5 de Abril de 1924, avisou todos os «leais súbditos da Rússia» a acatarem as suas ordens e, finalmente, por um terceiro «ukase», de 30 de Agosto de 1924, proclamou-se solenemente imperador de todas as Rússias. Efectivamente, recebeu declarações de fidelidade de todos os membros da dinastia, com excepção — é claro — do grã-duque Nicolau, seu irmão, e do grã-duque Pedro e Romano, filho d'este.

No Ano Bom de 1925, promulgou uma proclamação, pronunciando-se contra um proceder armado, com assistência estrangeira, para derrubar o regime comunista e dizendo que confiava à consciência própria do povo russo a tarefa de acelerar a hora do Juízo final. Isto era um gesto habilidoso e tático, (pois com ele renunciou à iniciativa duma moderna cruzada anti-bolchevique) e, ao mesmo tempo, um golpe vibrado contra a «concorrência intervencionista». No fim do mesmo ano, Cirilo instalou uma comissão encarregada de elaborar uma nova Constituição russa em que, é claro, não havia lugar para Parlamentarismo no sentido ocidental, mas apenas se preconizava a instituição dum Supremo Conselho de Estado, de representantes de todas as camadas profissionais e económicas.

Em Março de 1927, o czar Kirilo proclamou a forma de regime destinada ao seu país como — Império Soviético! Reiterou este programa dois anos depois, quando pela morte do grã-duque Ni-

(Continua na pág. 19)



A ASSINATURA DA CONVENÇÃO DE PAZ que pôs termo às hostilidades na Síria. Em cima: O general Henry Mailland Wilson e o general Catroux assinando em nome das forças britânicas e -francesas livres-. Em baixo: O general André de Verdillac, ratificando o documento em nome do govêrno de Vichy.



A ASSINATURA DO PACTO DE ASSISTÊNCIA MÚTUA RUSSO-BRITÂNICO. Na foto que publicamos vêem-se Molotov, (a assinar), Estaline e Cripps (de pé).



NA FRENTE DE TOBRUK, um soldado inglês exhibe um curioso despojo de guerra: duas fitas de balas de metralhadora apresadas a um destacamento alemão.

Instituto Dr. Indiveri Colucci

Tratamentos exclusivamente pelos Meios Naturais



O majestoso edifício que se vê nesta gravura, situado na rua Lino da Assunção, em Paço de Arcos, linha do Estoril, é o mais belo e modelar estabelecimento de cura natural existente em toda a Península, igual e mesmo superior a muitas das grandes clínicas naturistas da Alemanha e da América.

A sua situação, dominando, do alto, a larga foz do Tejo e a vastidão do oceano, é a melhor possível, tanto mais que dista apenas uns dois a três minutos da estação do caminho de ferro.

Neste Instituto, existe uma completa aparelhagem moderna, alguma dela primeira vez utilizada no nosso País, capaz de depurar e vigorizar o organismo em muitas enfermidades crónicas e agudas, entre as quais as *Doenças Nervosas, de Pele e das Senhoras, a Diabetes, o Artrismo* em todas as suas manifestações, e a própria *Sifilis*, a terrível infecção tão generalizada que não se cura positivamente, com os medicamentos mercuriais e arsenicais, mas cede e desaparece com a aplicação, cientificamente estudada em longa prática, dos *Meios Físicos e Tróficos* que constituem, no seu conjunto, o tratamento ideal em uso naquele consultório.

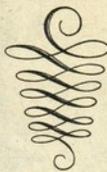
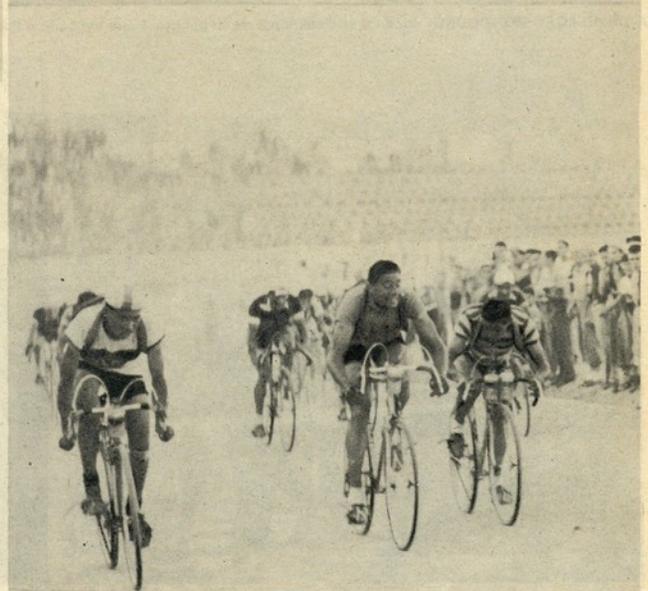
Quem quiser avaliar dos brilhantíssimos resultados desta terapêutica, que exclui por completo todo e qualquer produto químico-farmacêutico, leia «A Natureza ao Serviço da Saúde», à venda nas livrarias e na depositária — Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73, Lisboa — livro sensacional de que é autor o jornalista A. Napoléon Gonçalves, e no qual se acumulam as provas documentadas e irrefutáveis de que aquelas e outras doenças se tratam e curam radicamente empregando unicamente a *Magneto-Trofo-Fisioterapia*, sistema exclusivo do Instituto Dr. Indiveri Colucci, de Paço de Arcos.

AV V VOLTA A PORTUGAL em Bicicleta

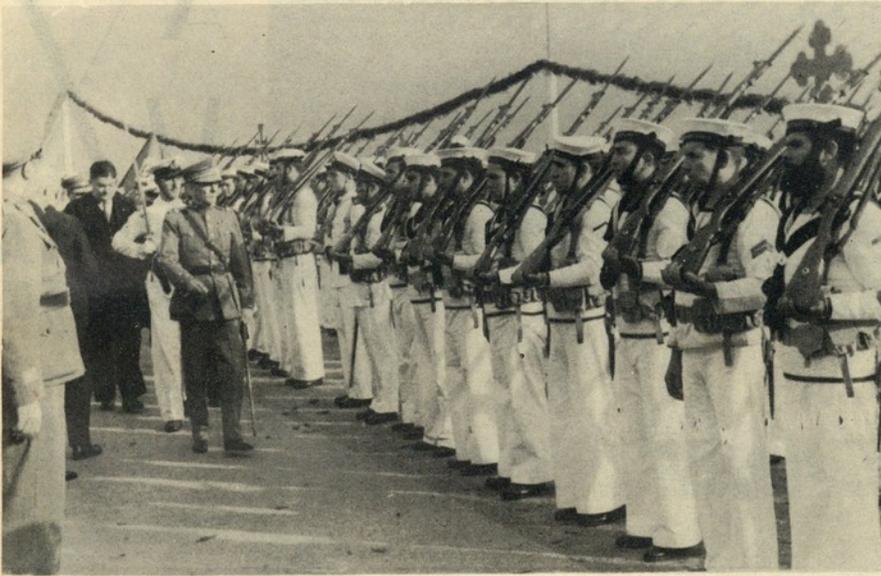


ANTES

ME



A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA, a competição desportiva com maior projecção popular em todo o País, disputa-se agora pela décima vez, obtendo, como em anos anteriores, o mais entusiástico acolhimento do público. Damos, nesta página, alguns dos primeiros aspectos da prova. De cima para baixo: Três corredores do Sporting vão à frente nas voltas ao Estádio do Lumiar—5.ª etapa—Lourenço, Albuquerque e Inácio—Os mesmos corredores passam, por outra ordem, à frente do pelotão, à sua chegada a Lisboa.—João Lourenço, o correcto e enérgico ciclista do Sporting Clube de Portugal que, durante alguns dias envergou já a «camisola amarela».—Um emocionante instante da chegada à meta do Lumiar. Lourenço e Inácio disputam, num esforço visível, o «sprint» da vitória.



A VIAGEM do Chefe do Estado aos AÇORES

O SR. GENERAL CARMONA passa revista à guarda de honra no cais de Angra do Heroísmo, à sua chegada.



A TRIPULAÇÃO DO «DOURO» saúda o sr. Presidente da República à sua chegada a Ponta Delgada.



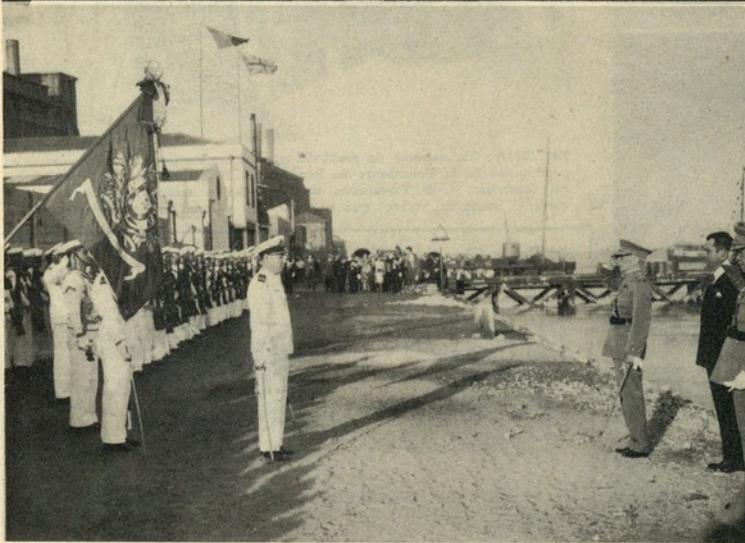
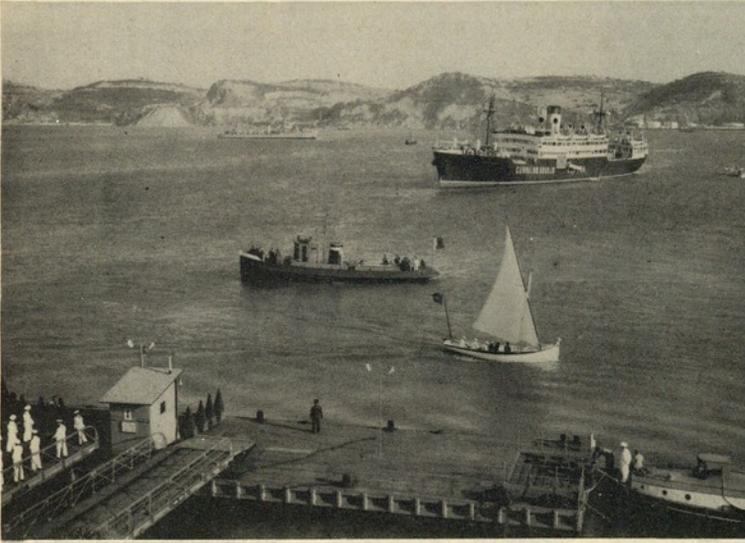
O CHEFE DO ESTADO passeando de automóvel, pelas ruas de Ponta Delgada, acompanhado do sr. Ministro da Marinha.



A APOTEOSE POPULAR NA ILHA DO PICO, quando o sr. general Carmona, rodeado pelo povo, se dirigia para a Câmara Municipal da Madalena.



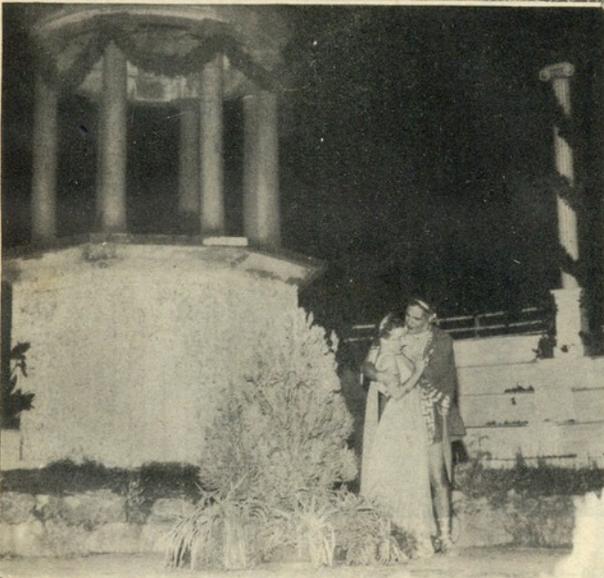
O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA durante uma visita que efectuou a uma fábrica de cigarros de Ponta Delgada detem-se junto dos produtos expostos.



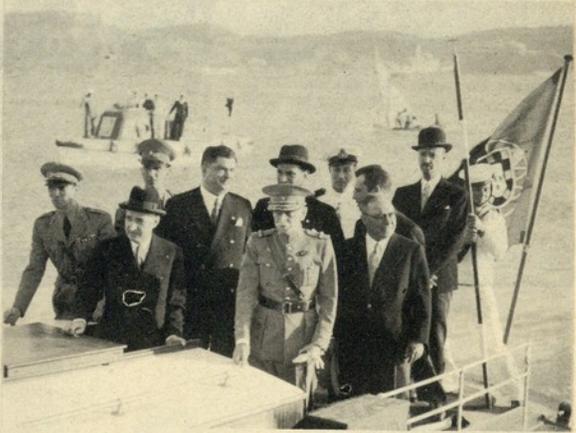
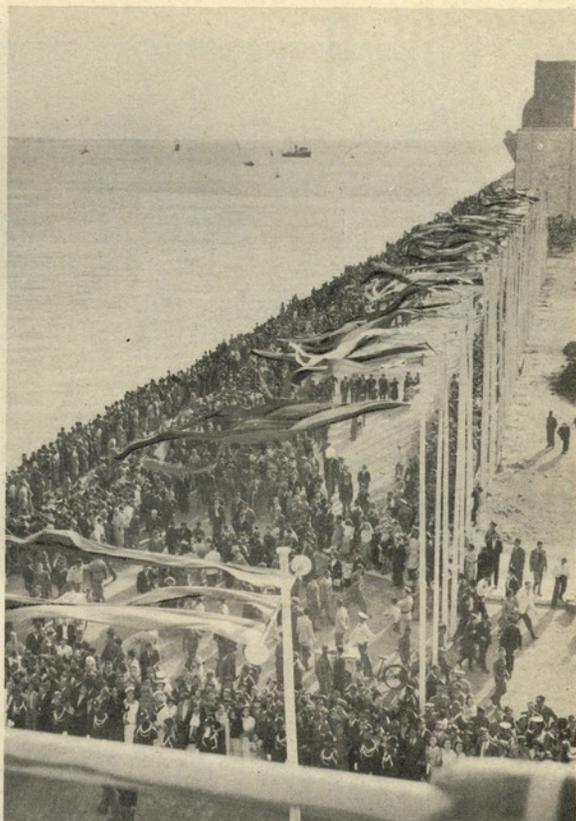
VÁRIOS ASPECTOS DA CHEGADA A LISBOA DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA — À esquerda, de cima para baixo: O «Carvalho Araújo» aproxima-se de terra para desembarcar o Chefe do Estado; o sr. General Carmona segue a caminho do Palácio de Belém, por entre as aclamações coloridas da multidão; a saúdação à bandeira das forças de guarda de honra da marinha. À direita: O sr. Presidente da República, com o sr. dr. Oliveira Salazar, após o desembarque.



NO PARQUE DE PALHAVÁ representou-se a imortal obra de Shakespeare, «Sonho duma noite de verão». Ao espectáculo, que atingiu momentos de grande beleza, assistiu numeroso público. A foto mostra o actor João Villaret numa cena da peça.



RAUL DE CARVALHO e Manuela Pôrto em duas cenas da obra shakespeariana.



EM CIMA: Um aspecto da multidão que aguardava, na Praça do Império, a chegada do sr. Presidente da República. EM BAIXO: S. Ex.ª o sr. General Carmona, o sr. Presidente do Conselho e outros membros do Governo a bordo da vedeta que os trouxe do «Carvalho Araújo» para terra.

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS



A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD - LONDRES

Acontecimentos da SEMANA



PARTIU PARA A BÉLGICA mais um comboio de socorro constituído por nove vagões com vários artigos e mantimentos. A foto, tirada na «gare» de Santa Apolónia, mostra o sr. ministro da Bélgica com os membros da Cruz Vermelha.



PARTIU PARA A MADEIRA o primeiro contingente de tropas que vai reforçar a guarnição local. Na foto, vê-se o sr. subsecretário de Estado da Guerra a passar revista às tropas momentos antes do embarque.



REABRIU O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO. Em visita oficial, esteve ali o sr. eng.º Rodrigues de Carvalho, presidente da Câmara Municipal, que inaugurou a sala «Rafael Bordalo Pinheiro, amigo de Lisboa». O Museu do Campo Grande vai atrair, de novo, as atenções e registar grande número de visitantes, que ali encontram muito que ver.



A COMISSÃO REUNIDA NA UNIÃO NACIONAL para tratar da recepção a fazer em Lisboa ao sr. Presidente da República após o seu regresso dos Açores.



O SR. ENGENHEIRO RANGEL DE LIMA tomando posse do lugar de Director das Estradas. (Fotos executadas com películas «Ferrania»).



GRUPO DE ALUNOS DA PROFESSORA D. EMA CORDEIRO que tomou parte num sarau de beneficência recentemente realizado a favor da Albergaria de Lisboa.



EM PORTO SALVO foi inaugurada a nova sede da Sociedade de Instrução Musical. A foto dá-nos um aspecto da chegada do cortejo, com as entidades oficiais.



A IRMANDADE DO S.S. DA FREGUESIA DO SANTO CONDESTÁVEL prestou homenagem ao rev. Francisco Maria da Silva no salão das Oficinas de S. José.

B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.
FALA
E O MUNDO ACREDITA
 Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Estações	Ondas curtas
13.15 Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
	G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
13.30 Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
22.00 (*) Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
22.15 Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G R V.



A FEDERAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DE MOAGEM comemorou o 7.º aniversário da sua fundação com uma visita às instalações da Companhia Industrial de Portugal e Colónias e uma festa de confraternização na sua sede. Em cima: A direcção da Federação, com os srs. Carlos Ramires dos Reis, Alfredo Moreira e outros membros do Conselho de Administração da C. I. P. C. na fábrica da avenida 24 de Julho. Em baixo: a distribuição dos prémios das provas desportivas na sede da Federação, aos empregados da F. I. M. que mais se evidenciaram.



A POSIÇÃO dos Estados Unidos

FOI ASSIM, DE POLEGARES AO ALTO, que o embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos da América do Norte, Lord Halifax, foi recebido ultimamente nas salas do Clube da Marinha Mercante Inglesa. O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros inglês pronunciou ali um discurso sobre a tradicional amizade anglo-americana.



Em cima: WILLKIE, em pé, sobre o «chassis» duma peça de artilharia, fala aos operários duma fábrica de armamento de Chicago. À direita, em cima: A sr. Frances Perkins, ministra do Trabalho do governo dos Estados Unidos — o único membro feminino do gabinete — partidária da política de auxílio a favor da Inglaterra. Em baixo: Roosevelt, antes de partir para o seu cruzeiro de férias, a bordo do iate «Potomac», visita um campo de manobras norte-americano.



OSHKOSH TRUNKS

VIAJE LIVRE DE CUIDADOS COM MALAS HARTMANN OU OSHKOSH



O conforto de viajar não está só em escolher um meio de transporte moderno...

Os vossos fatos e roupas necessitam duma mala-armário para chegarem ao seu destino em condições de se poderem vestir

A CASA DAS MALAS

é especializada há mais de cinquenta anos no fabrico de artigos de viagem, bolsas de senhora e carteiras para homem

Vende em exclusivo as malas armário : **HARTMANN e OSHKOSH**

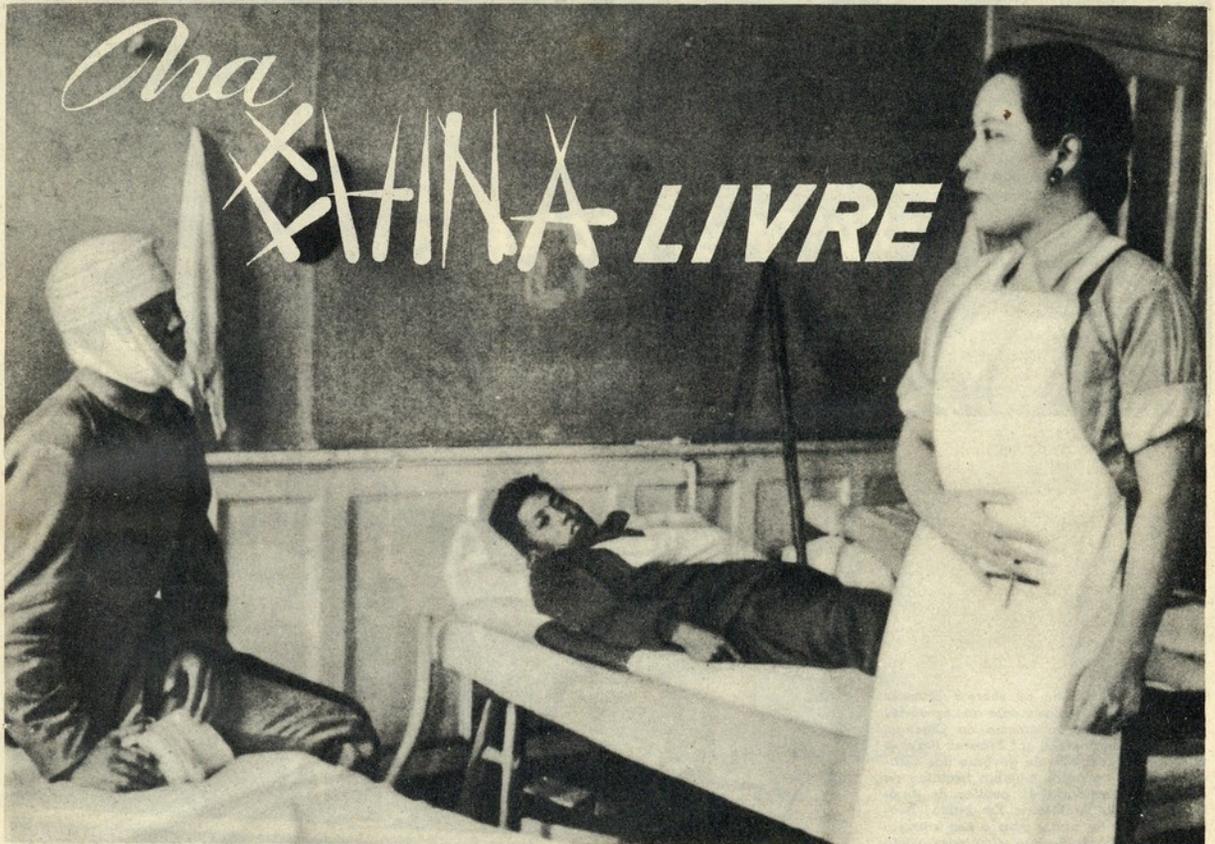
Joaquim da Silva & C.ª (Filhos)

CASA DAS MALAS — Fundada em 1887

180, RUA DO OURO, 182 — 110, RUA DA PRATA, 114

Telefones: P. B. X. 2 0659 — 2 1615

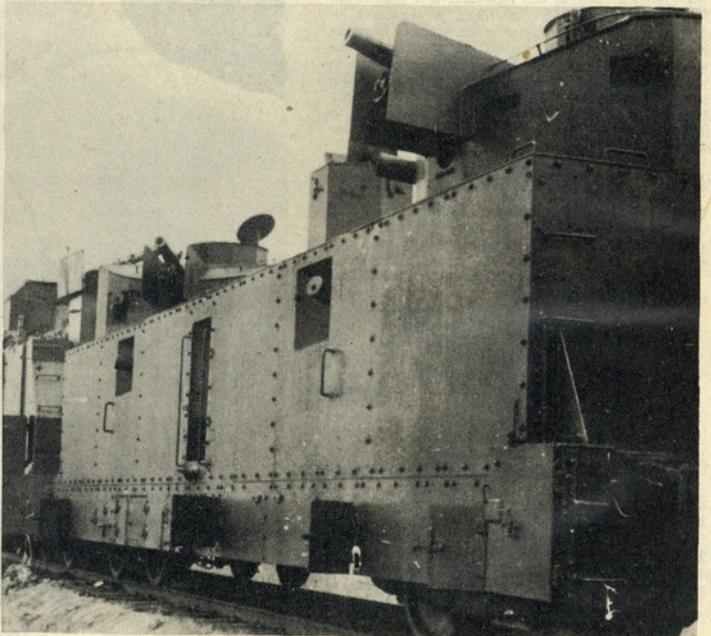
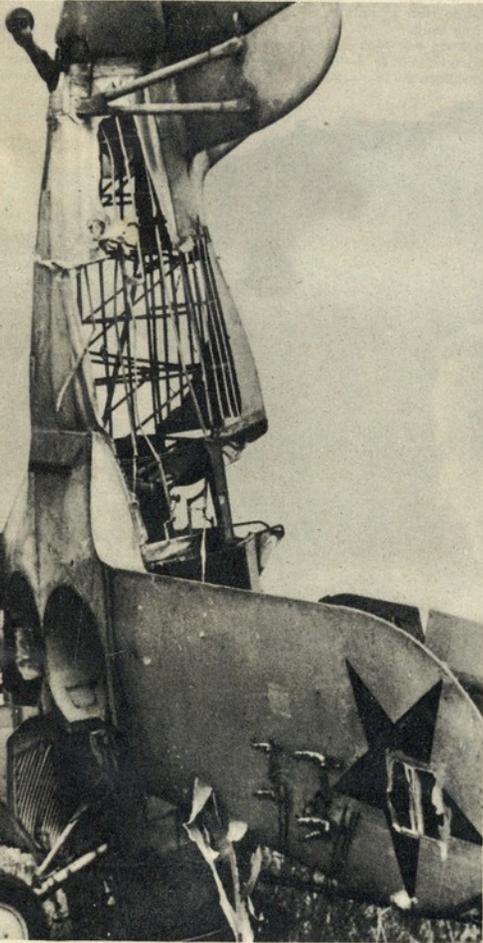
LISBOA



A SENHORA DE CHAN-KAI-CHEK ocupa-se dos feridos chegados da «frente». A foto mostra-nos a marechala conversando com um soldado chinês num hospital.

na Frente Oriental

PERANTE O AVANÇO DE COLUNAS MOTORISADAS ALEMÃS, soldados russos incendiaram uma aldeia onde se haviam instalado.



Em cima: UM AVIÃO SOVIÉTICO que capotou quando pretendia levantar vôo dum aeródromo que estava a ser atacado pelas tropas alemãs. À direita, em cima: Soldados das forças do Reich, em virtude das vias de comunicação da Rússia estarem, em grande parte, impraticáveis, são obrigados a ajudar os veículos a desatolar-se das estradas. Em baixo: Um combóio blindado soviético que foi tomado, após violento combate, pelas forças alemãs.

A primeira comção DE BELIZIÁRIO

*NOVELA DE Cristiano Lima

BELIZIÁRIO era, aos vinte anos, magro, delicado, tranqüilo e bondoso. Não tinha inimizades, nem se lhe conheciam amigos. Vivia, sossegado, sem ideias, nem paixões. Em dez anos, nada se passou com êle de excepcional.

Aos trinta, engordou um pouco e casou. A mulher era diferente dêle: nervosa, vibrante, duma sensibilidade frenética. Tinha a mania da leitura. E essa mania engendrou outra: a de escrever. Nasceu com temperatura combativo. O seu desejo era de encontrar pessoas que não tivessem as suas ideias, vulgaríssimas, que ela supunha duma grande originalidade, para estabelecer discussões prolixas e veementes. Com o marido, era impossível. Belizário não tinha opiniões, nem se importava com as de sua mulher. Económico por temperamento, interessando-se pouco pelos teatros, ou pelos cinemas, não frequentando cafés, passava as noites em casa. Os seus prazeres eram sedentários e extáticos. Gostava de decifrar charadas, entretinha-se muito com palavras cruzadas e jogava, três ou quatro vezes por semana, o xadrez com o sr. Temudo, no emprêgo, seu superior — Temudo era guarda-livros e tinha-o por ajudante — e, no prédio, seu vizinho. Jogava e perdia invariavelmente, sem desgosto.

O sr. Temudo tinha uma filha que, como a mulher do Belizário, adorava as discussões. Tornaram-se amigas facilmente, embora quasi tôdas as noites se degladiassem com arrebato e chegassem, quando os argumentos escasseavam, a insultar-se.

Temudo e Belizário jogavam o xadrez, sem se importarem, nem, ao de leve, com os duelos retóricos da rapariga e da mulher. Quando ellas elevavam muito a voz, suspendiam o jogo, encaravam-nas, sem curiosidade, e esperavam pacientemente que a gritaria cessasse. O jogo, então, prosseguia e a rapariga e a mulher, já cansadas, faziam e desfaziam bordados.

A filha do Temudo era feminista e a mulher do Belizário tinha opinião contrária. A feminista levava vantagem na primeira meia hora. O hóspede do pai, um estudante, traçista mas amável, é que lhe fornecia os argumentos, divertindo-se com a arelha que elles deviam causar à vizinha, que êle detestava. Achava-a imbecil, vaidosa e tagarela. A filha do Temudo retinha-os — era prodigiosa a sua memória — recitava-os com enfase e, depois, repetia-os com ligeiras mudanças de palavras.

A outra refutava-os com indignação e inconsistência. A rapariga afirmava que mulheres deviam intervir na política. A mulher replicava que ellas deviam abster-se da política. A rapariga pretendia que as mulheres não eram meons inteligentes do que os homens. A mulher contestava, dizendo que ellas eram menos inteligentes.

A discussão era preenchida por muitas frases sem poder dialéctico:

- Essa é boa!
- Faz-me rir o argumento!
- Que disparate!
- Tõlice é o que a senhora diz...
- Palermice é o que a menina afirma...
- Talvez quisesse que estivesse de acôrdo consigo...

- Se calhar, colocava-se mal...
- A senhora quer ter razão em tudo...
- A menina é que é muito teimosa...

Belizário e Temudo xadrezavam, indiferentes. Assim passaram meses e se escoaram anos.

Aconteceram, com o rodar do tempo, coisas triviaes. A mulher do Belizário tornou-se mãe e a filha do Temudo fez-se mulher, quer dizer, casou. E as discussões, entre ambas, cessaram. E a convivência também. As partidas de xadrez entre Belizário e Temudo prosseguiram, silenciosas e lentas.

* * *

A mulher do Belizário aborrecia-se com a crian-

ça. Não sabia cuidar dela, nem tinha tempo para lhe dar grande atenção. Privada da filha do Temudo, que alimentava a sua paixão de discutir, dedicara-se mais demoradamente à sua mania de escrever, que lhe ocupava o tempo livre. Em papel almasso consumira uma resma a defender as suas ideias anti-feministas. Convencera-se, durante muitos meses, de que estava a escrever um ensaio sobre o papel da mulher na sociedade. Aquelle termo «ensaio» recebera-o dum sobrinho do Temudo, que tinha vinte anos, era pateta, afirmava-se ensaísta e colaborava num semanário que pretendia ser de literatura. Mas, a certa altura, perdeu-se entre os milhares de palavras que escrevera e de que ella não conseguira apreender o sentido, tão confusas e obscuras eram as tolices com que inutilizara muitas fõlhas de papel. Sentiu-se incapaz de chegar ao fim. E, então, resolveu deixar o ensaio. Aproveitou-lhe, porém, as ideias que ella julgava

ter concebido e resolveu, com ellas, escrever uma peça de teatro. Esboçou um plano dum drama em três actos, que leu, uma noite em que o Belizário estava privado de Temudo e xadrez. O marido escutou-a com paciência fácil e prestou-lhe tôda a atenção que pôde. Interessou-se a ponto de lhe fazer uma observação:

- Há aí uma coisa que não está bem...
- Que não está bem? — inquiriu, com espanto, a mulher.
- Onde tu dizes: «Fernanda imprimiu, nervosa, o botão da campainha...»
- Então que tem?
- Ela não podia ter «imprimido» o botão da campainha...
- A peça é tua ou minha? Eu é que sei o que as minhas personagens fazem.
- Tu querias dizer «premiu» e não «imprimiu»...
- Sempre és muito estúpido!... Se eu quisesse



Temudo e Belizário jogavam o xadrez...

dizer «premiu» tinha-o dito. Quem é que me impedia?

O marido não insistiu. E a conclusão do drama que se intitulava «O dever da mãe», coincidiu, tristemente, com a morte do filho do Belizário.

— Se tivesses tido mais cuidado com a criança talvez ela não tivesse morrido — observou-lhe, com rancor, o marido.

E como a mulher ficasse calada:

— O médico falou em descaído.

A mulher não respondeu.

* * *

Belizário teve, com a morte do filho, a primeira comoção. Transfigurou-se. Era monótono e plácido. Tornou-se triste e nervoso. Começou a cachar a mulher insupportável. Ganhou-lhe raiva. Implicava com ela a propósito de tudo. Chegou a deitar fogo ao famoso drama «O dever da mãe».

A vida, entre ambos, tornou-se impossível. E, ao fim dum ano de desinteligências gritadas e gesticuladas, ela abandonou o marido e foi pedir asilo a uns parentes. Não lhe deu a menor explicação da sua attitude. Nem sequer uma frase de despedida lhe escreveu.

Belizário não a procurou. E, ao fim dum mês, recebeu dela, por intermédio duma criada, este bilhete lacónico:

«Peço-te o favor de entregares à portadora, se não deitaste fora, um masso de papéis que deixei numa das gavetas do guarda-louça».

Belizário foi ao móvel e encontrou um róló de manuscritos que tinha uma capa de papel fino e amarelado. Lia-se nela em letras garrafaes e enormes: «A mulher no lar».

UM LIVRO SENSACIONAL

“DUÉLO DE GIGANTES”



Almirante Lutjens, comand. do «Bismarck».

Está à venda o mais sensacional livro desta guerra, escrito por Mauricio de Oliveira «Duelo de Gigantes». — A morte fulminante do «Hönd» e a agonia lenta do «Bismarck». Preço, 10\$00.

Edição da Parceria A. M. Pereira. Rua Augusta — Lisboa.

O PROBLEMA DINASTICO DA RÚSSIA

Por S. Schmulevitz

(Conclusão da página sete)

colou se tornou, pelo menos na sua família, Czar incontestável.

O manifesto prometê a conservação dos sovietes, isto é, das representações locais das comunidades e profissões, a autonomia dos diversos territórios, a permanência dos bens particulares nas mãos dos lavradores, o fomento da agricultura, a introdução das 8 horas de trabalho diárias, o desenvolvimento do movimento sindicalista, a liberdade de comércio, uma constituição canónica para a Igreja, e finalmente a liberdade «conveniente» da Imprensa.

Em 15 de Março de 1929, e aproveitando a situação favorável criada pelo falecimento do grão-duque Nicolau e do general Wrangel, (que, durante longo tempo, acalentou planos militares próprios) emitiu um manifesto a todos os emigrantes russos. Tinha o seguinte teor:

«Pelo manifesto de 30 de Agosto de 1924, levei ao conhecimento geral, que conservando as leis fundamentais da Rússia e seguindo a vocação da minha consciência, assumi o título de Imperador de Todas as Rússias. Fi-lo, para que o povo russo saiba que a dinastia imperial está disposta a acudir-lhe na restauração da legítima monarquia, que é a única a assegurar á Rússia a posição que lhe compete dentre as grandes potências e a restituir-lhe a paz e o bem estar. Por meio desse acto, facilitei a todos os leais filhos da nossa pátria a união e dei-lhes uma condução legítima na salvação da pátria, prestes a perecer. Infelizmente, nem todos os russos que vivem no estrangeiro quiseram entender o meu sacrificio e o significado das minhas intenções. Na pátria, todavia, a gente portou-se doutro maneira. Lá, sob a horrível pressão e o terror dos escrivadores do povo russo, os fiéis filhos da pátria, como espirito heróico e sacrificador, prestaram um trabalho altruista, invocando que a restauração duma legal constituição monárquica é a única garantia para a redenção da Rússia. São geralmente conhecidos os allicerces, repetidamente divulgados por mim, sobre os quais se edificará a nossa monarquia popular russa. No entanto, poucos sabem que apenas promulguei estes fundamentos depois de tomar exacto conhecimento das opiniões no interior da Rússia, em conformidade com as necessidades e desejos do povo e dos verdadeiros misteres do presente. Hoje, na hora em que se está efectuando uma união dos monarquistas russos, e á base de comoventes pedidos recebidos da pá-

tria, dirijo-me, mais uma vez, com um convite, a todos os russos que estão dispostos a devotar os seus esforços á reconstrução duma Grande Rússia nacional, e exorto-os a olvidarem todas as divergências e partidarismos e cerrarem as fileiras em volta do estandarte imperial, com o único designio duma luta una e coordenada contra os verdugos do povo russo que intentam precipitar a nossa pátria do sangrento escravatura em que actualmente se encontra, em sofrimentos ainda peores: esquarterar os seus territórios, açambarcar as suas riquezas e impôr um novo jugo ao povo. Russos no estrangeiro! Sejamos dignos dos nossos irmãos que na pátria voluntariamente sofrem privações e perigos de morte. Eles exigem a nossa união e nossa assistência e é nosso dever corresponder ao seu brado. Associe-mo-nos sob a égide comum e unificadora tão sagrada, da salvação da querida pátria, que atravessa sofrimentos inauditos.»

Set. Briac (França) aos 15 de Maio de 1929. — (a) Cirilo.

O czar Cirilo, que morreu há cerca de dois anos, nascera em 30 de Setembro de 1876, em Czarskoie Selo, e era filho do grão-duque Vladimir Alexandrovitch e de Maria Pavlovna, duquesa de Meklemburgo. Como jovem official serviu na esquadra, tomando parte, em 1904-1905 nas operações navais contra o Japão. Quando da explosão do navio de linha «Petropavlosk», no porto de Port-Arthur, êle encontrava-se a bordo. Foi arremessado aos ares e salvo como por milagre depois de desesperados esforços. Pouco depois, provocou grande escândalo, pelo matrimónio contraído com a antiga duquesa Victória de Hesse, filha do defunto duque Alfredo de Saxe-Coburgo-Gotha. Por ordem do Czar Nicolau II, deixou de aparecer em público, como castigo por êsse casamento de amor.

No exílio, costumava viver na Alemanha, mas também no seu castelo de S. Briac, na Bretanha francesa. Teve 3 filhos. O único varão é o grão-duque Vladimir Cirilovitch, actual Czar sem trono, nascido em 17 de Agosto de 1917, em Haiko-Borgo, na Finlândia, durante a fuga para o estrangeiro. Das duas filhas, a maior está casada com um príncipe alemão e a mais nova, Cyra, com Luiz Fernando, segundo filho do Kronprinz alemão.



Mary Louise Purcell, de Orlando, na América do Norte, tem uma extraordinária semelhança com as célebres irmãs gémeas Dionne—cinco pimpolhas nascidas dum pé só, que, por sua vez, são tão parecidas umas com as outras que chegam a confundir-se. Ao contrário naquelas não tem, porém, no Banco, nada que se pareça com o milhão de dólares de que as Dionne são possuidoras. Mas prepara-se para isso. A parenteza com as gémeas deu-lhe, há pouco, uma franca popularidade. Eleita já «Rainha dos Bébés», em Orlando, os conterrâneos querem agora, á força, que ela seja considerada a «sexta gémea». Mas que dirão a tal reivindicação os pais Dionne?

UMA VERGONHA

Por Stuart Carvalhais



— Não fazes ideia das minhas relações... Olha; tenho a mulher presa por abortadeira, ladra e deordeira...

— ...O meu filho mais velho está a cumprir pena em África por ter falsificado notas do Banco de Portugal...

— ...O mais novo está na Penitenciária por furtista, ladrão e incendiário... Qualquer dia vai também para o degrêdo...

— E a tua filha? Que é feito dela?
— Ah! Deixa-me cá... Essa é a vergonha da família!...



ATLEE

*falou sôbre a
situação militar
da*
INGLATERRA

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

O MAJOR ATLEE, «leader» do Partido Trabalhista e Lord do Sêlo Privado, falou há dias nos Comuns, em substituição de Churchill, impedido de comparecer pelos seus afazeres. Falou das perdas alemãs e evidenciou o valor da ofensiva aérea britânica, acrescentando, todavia, que a nação deveria acautelar-se contra optimismos injustificados. Atlee, figura política combativa, é, na intimidade, um amante de Natureza e um cultor das tradições inglesas. A foto mostra-o no seu jardim, durante um dos seus dias de repouso.

(Foto «Britanova»)